



ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E DIEGÉTICAS DO FANTÁSTICO EM *LA CAFETIÈRE* DE THÉOPHILE GAUTIER

DES STRATÉGIES DISCURSIVES ET DIÉGÉTIQUES DU FANTASTIQUE DANS *LA CAFETIÈRE* DE THÉOPHILE GAUTIER

Luísa Freire Simões Pires¹ (FURG)

RESUMO

Elaborado no grupo de pesquisa “Literatura Fantástica Francesa e Tradução”, dirigido por Gabriela Jardim da Silva na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), este trabalho visa expor em que medida o fantástico faz-se presente em *La Cafetière* (1831), de Théophile Gautier. A base metodológica utilizada na realização desta pesquisa é bibliográfica e, no que tange especificamente a este artigo, procede-se a uma análise discursiva e diegética da narrativa em questão. No desenvolvimento deste estudo, fez-se consulta principalmente aos estudos introdutórios à literatura fantástica elaborados por Tzvetan Todorov (1976). A partir da observação do narrador, do espaço, do âmbito temporal, das personagens - e com base na definição de fantástico proposta por Todorov (1976) - foi possível identificar a atmosfera construída por Gautier como propícia aos eventos supostamente sobrenaturais que se desenrolam ao longo da história. Através da análise de *La Cafetière*, possibilitou-se não só o conhecimento detalhado dessa história, mas também a apreensão de estratégias e recursos frequentemente presentes na literatura fantástica francesa produzida no século XIX.

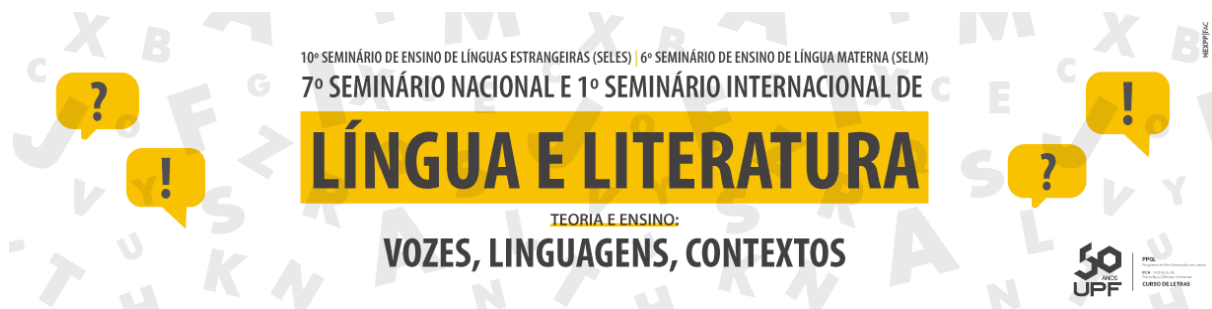
Palavras-chave: Literatura Fantástica Francesa. Théophile Gautier. *La Cafetière* (1831).

RÉSUMÉ

Elaboré au sein du groupe de recherche « *Literatura Fantástica Francesa e Tradução* », coordonné par Gabriela Jardim da Silva à l'Université fédérale du Rio Grande (FURG), ce travail vise à exposer dans quelle mesure le fantastique est présenté dans *La Cafetière* (1831), de Théophile Gautier. La base méthodologique utilisée pour la réalisation de cette recherche est bibliographique et, en ce qui concerne spécifiquement cet article, on procède à une analyse discursive et diégétique du récit susmentionné. Dans le développement de ce travail, on a consulté principalement les études d'introduction à la littérature fantastique élaborées par Tzvetan Todorov (1976). À partir de l'examen du narrateur, de l'espace, du cadre temporel, des personnages – et basé sur la définition de fantastique proposée par Todorov (1976) – il a été possible d'identifier l'atmosphère construite par Gautier comme propice aux événements censés surnaturels qui se développent au long de l'histoire. Par le moyen de l'analyse de *La Cafetière*, il a été possible non seulement de connaître cette histoire en détails, mais aussi d'appréhender des stratégies et des ressources fréquemment présents dans la littérature fantastique française produite dans le XIX^e siècle.

Mots-clés : Littérature Fantastique Française. Théophile Gautier. *La Cafetière* (1831).

¹ Acadêmica do curso de Letras – Licenciatura Português/Francês, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e pesquisadora voluntária de iniciação científica no projeto “Literatura Fantástica Francesa e Tradução”. luisafreire@furg.br



1 INTRODUÇÃO

Elaborado no grupo de pesquisa “Literatura Fantástica Francesa e Tradução” coordenado por Gabriela Jardim da Silva, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), este trabalho visa explorar as estratégias discursivas e diegéticas presentes em *La Cafetière* (1831) de Théophile Gautier, evidenciando o caráter fantástico dessa narrativa. A base metodológica utilizada na realização desta pesquisa é bibliográfica e alguns dos autores examinados no domínio do referenciado projeto são: Honoré de Balzac, Théophile Gautier e Auguste Villiers de l’Isle-Adam.

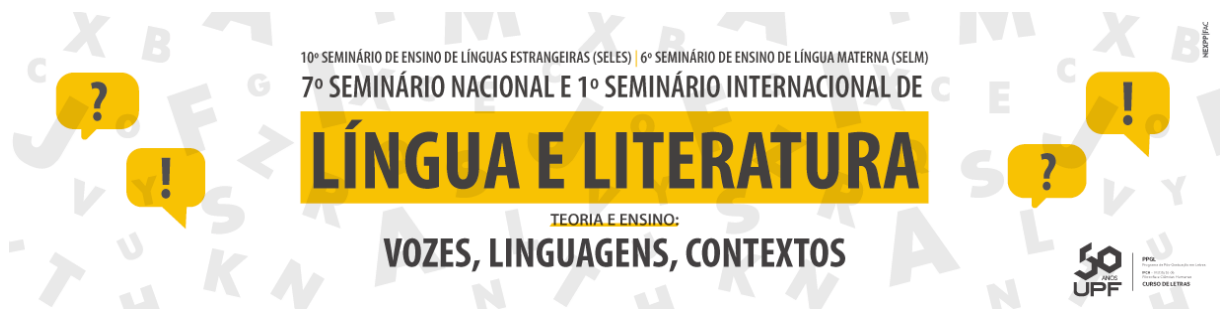
No desenvolvimento deste trabalho, fez-se consulta principalmente aos estudos introdutórios à literatura fantástica de Tzvetan Todorov (1976). No primeiro tópico, explora-se, no âmbito discursivo, a definição de fantástico e o papel ocupado pela hesitação, de acordo com Todorov, no gênero fantástico. Além disso, examina-se o narrador de *La Cafetière* e, conseqüentemente, seu foco narrativo. Nesta seção, dá-se atenção, igualmente, às estruturas modais e aos tempos verbais enquanto estratégias discursivas em narrativas fantásticas.

Na segunda seção deste trabalho, direciona-se o olhar ao eixo diegético, passando pela análise do espaço físico, do tempo cronológico, das características físicas e psicológicas das personagens e da presença de objetos constituintes do caráter fantástico da obra. Todas as subseções têm o objetivo de demonstrar que a construção da fantasticidade de uma narrativa ocorre por meio de nuances e elementos aparentemente secundários.

Através da definição do fantástico de Todorov (1976) e dos recursos discursivos e diegéticos utilizados na narrativa de Gautier, possibilita-se não só o conhecimento detalhado da história em exame, mas também a apreensão de estratégias frequentemente presentes na literatura fantástica francesa produzida no século XIX.

2 ANÁLISE DISCURSIVA

La Cafetière é a narrativa de Théodore, narrador-protagonista, que parte à Normandia com dois amigos e hospeda-se em uma estalagem. Na primeira noite de sua estadia, uma cena insólita produz-se diante de seus olhos: no seu quarto, ele observa as pessoas representadas



nos quadros saírem de suas molduras e reunirem-se ao redor da lareira, onde uma cafeteira serve café a todos. Ao soar da meia-noite, as personagens saídas das peças de arte começam a dançar e Théodore assiste à cena estupefato e, ao mesmo tempo, maravilhado. O protagonista repara numa bela dama, a única que não dançava; ela concorda, porém, em dançar com ele e diz chamar-se Angéla. Os dois dançam até a exaustão e, então, a linda moça senta-se sobre joelhos do jovem. Ao cantar de uma cotovia, Angéla levanta-se rapidamente e, após alguns passos, grita e desaba. Théodore corre até o lugar onde sua amada caiu, porém encontra apenas a cafeteira, que pouco tempo antes servira café a todas as personagens, quebrada em mil pedaços. Aterrorizado, o protagonista desmaia. Na manhã seguinte, Théodore é acordado por seus dois companheiros de viagem, Arrigo e Pedrino, e descobre-se vestido *à la française*, isto é, com uma roupa cheia de adornos e enfeites. A narrativa termina com a cena em que Théodore, pensativo, desenha a cafeteira; tal desenho remete ao dono da estalagem o perfil de sua irmã falecida, Angéla. Ao concluir que não pode reunir-se com sua amada, o protagonista deduz que jamais será feliz.

A partir dos conceitos de fantástico explorados por Todorov e da análise de estratégias gerais discursivas, como narrador, foco narrativo, estruturas modais e tempos verbais, espera-se estabelecer de forma nítida e aprofundada o eixo discursivo da história cujo resumo figura acima.

2.1 O FANTÁSTICO E A HESITAÇÃO

A fim de explorar o papel dado à hesitação pelo teórico búlgaro, faz-se necessário compreender sua definição de fantástico. Em sua *Introdução à literatura fantástica*, Todorov (1976) estabelece uma diferenciação entre fantástico, maravilhoso e estranho. O último (*l'étrange*) seria caracterizado por eventos explicados pelas leis do mundo empírico, porém são, mesmo assim, incríveis, chocantes e singulares (TODOROV, 2012, p. 53). O maravilhoso (*le merveilleux*) seria constituído por acontecimentos sobrenaturais que não produzem nenhuma reação particular, tais como surpresa ou medo, nas personagens que os experienciam (TODOROV, 2012, p. 60). Argumenta-se, também, que estupefação ou choque não seriam sentidos pelo narratário, pois o narrador não faria nenhum esforço para justificar



os eventos de forma a tranquilizá-lo. No maravilhoso, desde o início da obra, estabelece-se um pacto entre narrador e narratário. Este consente com os eventos narrados, por mais improváveis que possam ser no mundo empírico.

Os acontecimentos fantásticos, por outro lado, são definidos por Todorov (1976) como aqueles eventos não podendo ser explicados pelas leis do mundo empírico. Por conseguinte, segundo ele, a personagem que vivencia os acontecimentos aparentemente paranormais e, sobretudo, o narratário:

deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, [...], mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós.² (TODOROV, 2012, p. 30)

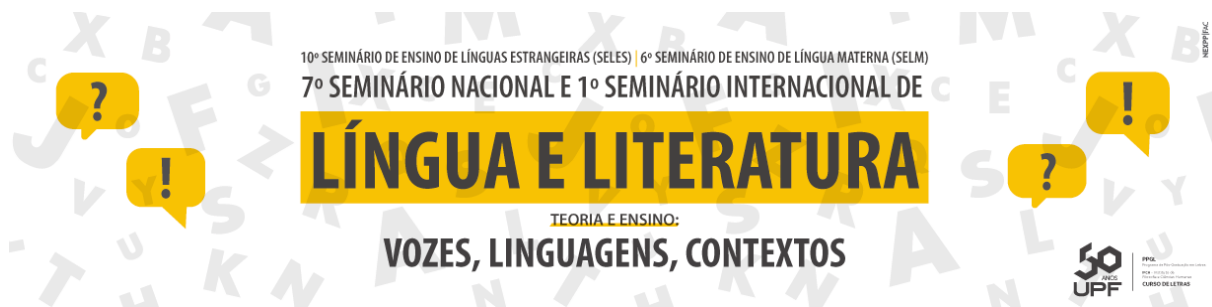
A partir dessa definição, percebe-se o valor que Todorov confere à hesitação da(s) personagem(ns) e, especialmente, do narratário, pois ele argumenta que a narrativa fantástica deve fazer o leitor considerar o mundo das personagens, tal qual, um mundo possivelmente real, do mesmo modo que deve hesitar entre uma explicação natural e uma sobrenatural (TODOROV, 1976, p. 37).

Ao longo de sua obra, o teórico dialoga com outros estudiosos dedicados ao exame da literatura fantástica, e destaca-se aqui Vladimir Solovyov que se aproxima do fator central das teorias de Todorov: a hesitação. Solovyov estabelece a seguinte linha de raciocínio: ocorre um fenômeno estranho podendo ser explicado de duas maneiras; a partir disso, cria-se a possibilidade de hesitar entre as duas explicações e, então, surge o efeito do fantástico (SOLOVYOV *apud* TODOROV, 1976, p. 30).

Todorov discorre sobre a incerteza e hesitação serem reforçadas, partindo de duas justificativas possíveis, devido a outros personagens que corroboram e/ou sugerem explicações paranormais (elemento a ser explorado ao longo deste trabalho, seja no âmbito discursivo ou diegético). Portanto, a hesitação é um sentimento-chave na narrativa fantástica; para Todorov, “é a hesitação que lhe dá vida”³ (2012, p. 36).

² Originalmente: « doit opter pour l'une des deux solutions possibles : [...] il s'agit d'une illusion des sens, d'un produit de l'imagination et les lois du monde restent alors ce qu'elles sont ; ou bien l'événement a véritablement eu lieu, [...], mais alors cette réalité est régie par des lois inconnues » (TODOROV, 1976, p. 29).

³ Originalmente: « c'est l'hésitation qui lui donne vie » (TODOROV, 1976, p. 35).



Em *La Cafetière*, o principal conceito explorado por Todorov manifesta-se em diversos momentos da narrativa, do mesmo modo que a atmosfera de dúvida e incerteza. A história fantástica concretiza-se através de diferentes estruturas, a título de exemplificação, citam-se alguns casos.

Théodore narra: “O meu [quarto] era vasto: eu senti, ao adentrá-lo, uma espécie de arrepio febril, pois me pareceu que eu entrava em um mundo novo”⁴ (GAUTIER, 2007, p. 56). Neste fragmento, o narrador expõe a primeira vez que entra no quarto onde ficará hospedado. Na esfera discursiva, destaca-se o uso de uma estrutura modalizante, o verbo “parecer” (*sembler*): ao utilizá-lo, o narrador estabelece uma relação de incerteza entre a descrição objetiva do espaço físico correspondendo ao quarto e o sentimento que experimenta. Não se trata da certeza de adentrar um “mundo novo”, porém assim lhe pareceu.

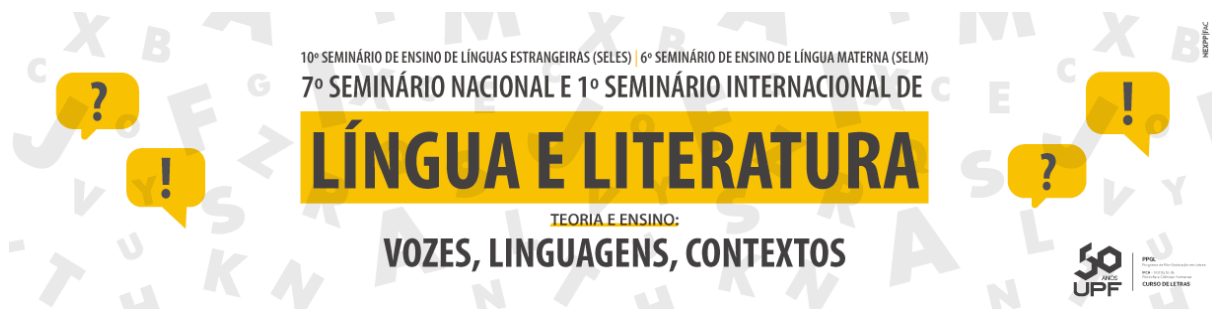
Em outro instante, Théodore, ao avistar Angéla pela primeira vez, narra: “Jamais, mesmo em sonho, nada tão perfeito apresentara-se diante dos meus olhos”⁵ (GAUTIER, 2007, p. 59-60). Este extrato contém a única ocorrência da palavra “sonho” (*rêve*) na narrativa e, ao percebê-la, pode-se inferir que o protagonista acredita na ocorrência dos acontecimentos insólitos, durante a sua noite agitada. Ele diz que “mesmo em sonho” nunca vira uma mulher tão bela, logo, ele supõe que Angéla não é um sonho.

Esse trecho, isoladamente, parece indicar que a hesitação não é experienciada por Théodore, apesar de que pelo narratário sim, porém, ao relacioná-lo com outro excerto, percebe-se uma contradição nos pensamentos do narrador-protagonista. Após o desmaiar de Angéla, Théodore não encontra nada além de uma cafeteira estilhaçada, ele narra então: “À vista disso, persuadido de que eu fora o brinquedo de alguma ilusão diabólica, tal medo empoderou-se de mim que desmaiei”⁶ (GAUTIER, 2007, p. 62). Ao dizer que fora tudo uma ilusão diabólica, ele volta a caracterizar os eventos de aspecto paranormal à semelhança de alucinações, algo irreal. Dessa forma, a dúvida ainda atravessa a narrativa.

⁴ Tradução livre. Originalmente: « La mienne était vaste : je sentis, en y entrant, comme un frisson de fièvre, car il me sembla que j’entrais dans un monde nouveau ».

⁵ Tradução livre. Originalmente: « Jamais, même en rêve, rien d’aussi parfait ne s’était présenté à mes yeux ».

⁶ Tradução livre. Originalmente: « À cette vue, persuadé que j’avais été le jouet de quelque illusion diabolique, une telle frayeur s’empara de moi, que je m’évanouis ».



Ao fim da narrativa, o narrador profere: “Eu tinha acabado de entender que não havia mais felicidade para mim na terra!”⁷ (GAUTIER, 2007, p. 64). Na conclusão de sua narrativa, Théodore aceita, de certo modo, os acontecimentos insólitos, pois exclui qualquer possibilidade de felicidade ao descobrir a morte de Angéla, ocorrida há um ano. O fato de Angéla estar morta indicaria a inadmissibilidade dos eventos de natureza supostamente fantástica ocorridos à noite, porém, ao concluir que nunca mais seria feliz, Théodore parece acreditar na plausibilidade dos acontecimentos. Esse trecho, portanto, age de maneira a alimentar a hesitação, tanto do narrador-protagonista quanto do narratário.

Além da análise pontual das expressões de hesitação presentes em *La Cafetière*, aponta-se que as características do narrador, as configurações espacio-temporais, as personagens figurantes da narrativa e os objetos insólitos possuem papéis fundamentais para a constituição de uma atmosfera fantástica. Desse modo, a hesitação permeia a história de múltiplas formas.

2.2 O FOCO NARRATIVO E O NARRADOR

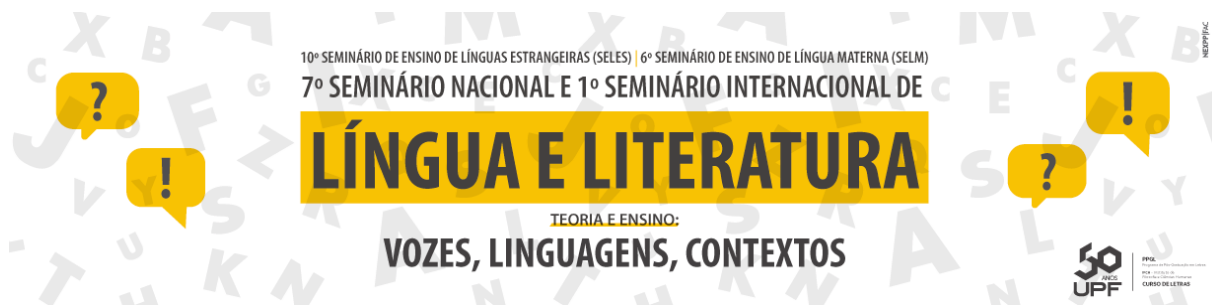
Em segundo lugar, no que se reporta às estratégias discursivas, passa-se às características do narrador e ao foco narrativo estabelecido por Gautier de forma a conferir um melhor efeito aos eventos narrados.

Em *La Cafetière*, tem-se um narrador-protagonista, ou seja, um narrador autodiegético⁸; essa escolha fixa a própria personagem (Théodore) como aquela que conta a sua história. Dessa forma, sabe-se que os acontecimentos não são expostos de maneira objetiva e distanciada, mas de um modo íntimo e subjetivo. Aqui, faz-se relevante a distinção atribuída a Percy Lubbock, entre narrar (*telling*) e mostrar (*showing*), explorada em *O foco narrativo: ou A polêmica em torno da ilusão* de Ligia Chiappini Moraes Leite (1991).

Ambos os conceitos são definidos com base na intervenção feita, ou não, pelo narrador. Narrar engloba a intervenção do narrador, isto é, há uma maior subjetividade presente na história; mostrar é, por sua vez, caracterizado pela não intromissão do narrador,

⁷ Tradução livre. Originalmente « Je venais de comprendre qu'il n'y avait plus pour moi de bonheur sur la terre! ».

⁸ Em consonância com a classificação de tipos de narrador apresentada por Gérard Genette em seu “Discours du récit, essai de méthode”, artigo publicado na obra *Figures III*, publicada em 1972.



ou seja, a narrativa é exposta de forma mais objetiva: “Quanto mais este [o narrador] intervém, mais ele conta [narra] e menos mostra” (LEITE, 1991, p. 14).

A autora associa a distinção feita entre narrar e mostrar com os conceitos de cena e sumário respectivamente. A cena é a característica de peças de teatro, onde, por exemplo, “os acontecimentos são mostrados ao leitor, diretamente, sem a mediação de um narrador”, enquanto o sumário “os conta e os resume” (LEITE, 1991, p. 14). Assim sendo, a cena seria mais objetiva, portanto, relacionar-se-ia com o *mostrar*, à medida que o sumário exprime as escolhas feitas pelo narrador, seja excluir detalhes, ou condensar os acontecimentos. Desse modo, o sumário possui um vínculo maior com o conceito de narrar. No caso da narrativa em análise, a proximidade daquele que expõe a história intervém na expressão desta, portanto, a partir dessas definições, Théodore não conta a sua história, mas a narra.

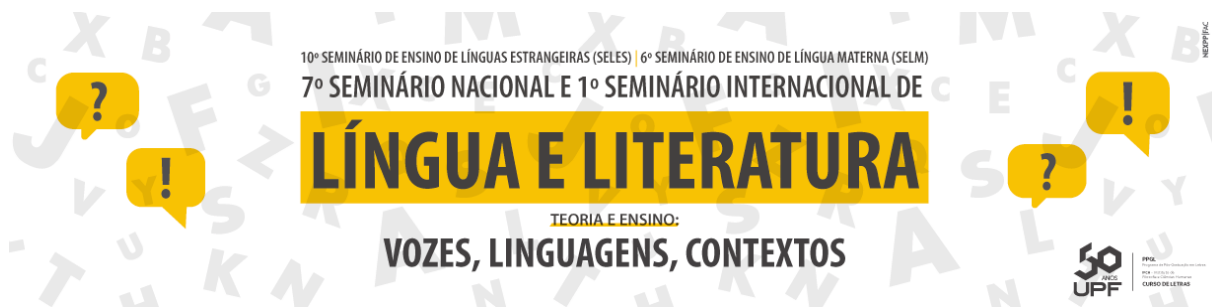
Reflete-se, então, sobre o narrador de *La Cafetière* e a classificação de narrador-protagonista (“*I* as protagonist) de Norman Friedman (2002); ao pensar na caracterização de Théodore enquanto tal, ele estaria “quase que inteiramente limitado aos seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções” (FRIEDMAN, 2002, p. 177). Não quer dizer que o protagonista não possa inferir e supor as emoções experienciadas pelas personagens que desfrutam, junto a ele, dos eventos insólitos, contudo, a única certeza que possui é a de suas próprias sensações.

A análise do narrador e do foco narrativo faz-se essencial para compreender a atmosfera da história e de que maneira ela é expressa e compreendida.

3 ANÁLISE DIEGÉTICA

A partir da observação das características diegéticas constituintes de *La Cafetière*: o espaço, o tempo, as personagens e os objetos, espera-se demonstrar a relevância desses componentes para o estabelecimento e a corroboração de que essa é uma narrativa fantástica.

3.1 CONFIGURAÇÃO ESPACIO-TEMPORAL



Para analisar o quadro espaço-temporal da narrativa de Gautier, parte-se do princípio de que espaço e tempo são duas configurações intimamente entrelaçadas e que agem mutuamente sobre as características uma da outra.

O espaço em *La Cafetière* é primeiramente estabelecido como “uma terra no recôndito da Normandia”⁹ (GAUTIER, 2007, p. 55). Essa primeira localidade marca, por si só, um cenário recluso e que dá vazão a uma atmosfera possivelmente sobrenatural; a ideia de uma pequena hospedaria (segundo espaço introduzido) num recanto afastado introduz uma imagem propícia a eventos misteriosos.

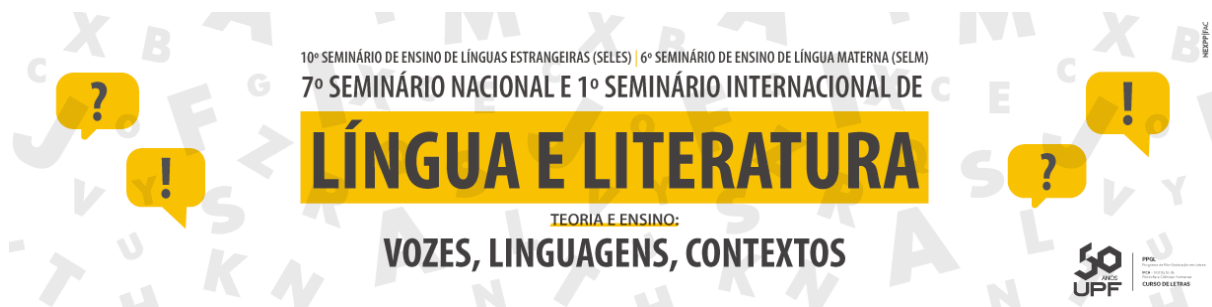
Em um terceiro momento, o quarto de Théodore é exposto; a este espaço pretende-se dedicar uma maior atenção na presente análise. Primeiramente, destaca-se o quarto na qualidade de um lugar da experiência individual/privada e, durante os acontecimentos de aspecto paranormal, apenas o protagonista enquanto personagem, que não é foco de questionamento pelo narratário, encontra-se lá.

Essa constituição do espaço é um grande fator caracterizador da narrativa fantástica, pois, quando Gautier determina um espaço particular, como o quarto de Théodore na pousada, o autor encaminha-se em direção à definição de fantástico de Todorov: acontecimentos desencadeadores da hesitação devido às possibilidades que os permeiam. Em vista disso, os eventos desenrolados no quarto são constantemente postos em questionamento, pois não há outras personagens para testemunharem sua realidade ou inveracidade.

A descrição do alojamento começa com a expressão “um mundo novo”, introduzindo o cenário onde os eventos pretensamente sobrenaturais acontecerão. A própria expressão direciona à ideia de um espaço regido por leis diferentes, um mundo fantástico. Em seguida, Théodore discorre sobre os objetos presentes no quarto, passando ao leitor a imagem de abundância e de cores e enfeites em demasia. Os móveis são descritos como “sobrecarregados de ornamentos” e, depois, Théodore descreve alguns artefatos mais delicados tais quais caixas de pentes e leques (GAUTIER, 2007, p. 56). Os adjetivos e os próprios itens caracterizam o espaço em estudo, um cenário possivelmente onírico, luxuoso e grandioso.

Gautier desenvolveu os espaços de *La Cafetière* de forma a sustentar o caráter fantástico da história, tanto um local recôndito da Normandia, quanto a pequena estalagem e o

⁹ Tradução livre. Originalmente: « une terre au fond de la Normandie ».



quarto rico em decorações contribuem para constituir uma atmosfera curiosa, singular e compatível com o fantástico. Contudo, essa ambientação torna-se completa apenas com a caracterização do tempo que se faz presente na narrativa.

No âmbito temporal, são apresentadas três ocasiões principais. Primeiramente, enquanto Théodore e seus dois amigos, Arrigo Cohic e Pedrino Borgnioli, chegavam à pousada, ocorria uma tempestade. Os três homens adentram a estalagem encharcados, febris e exaustos. Essa primeira caracterização temporal vinculada ao primeiro espaço (uma terra distante da Normandia), indica uma cena nebulosa e fria. Dessa maneira, introduz-se a atmosfera misteriosa a ser descrita.

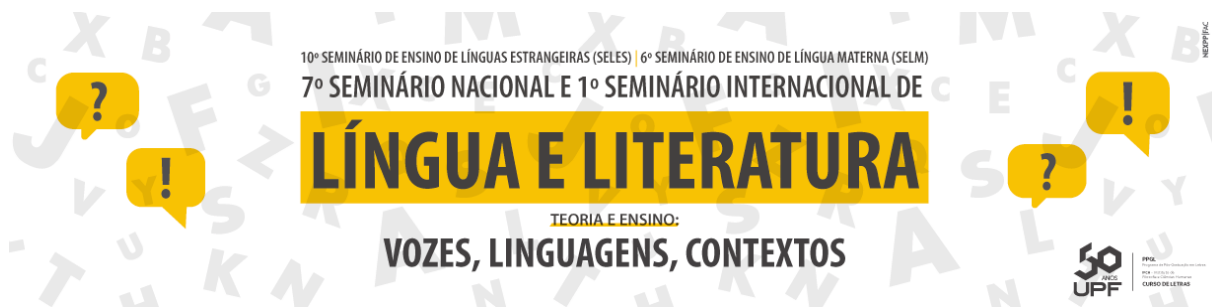
Acerca da segunda configuração temporal, isto é, quando se desenrolam os acontecimentos no quarto de Théodore, é noite. O fato de ser noite e o céu estar, conseqüentemente, escuro, contribui para realçar o papel do fogo nos eventos, ao que tudo indica sobrenaturais. As personagens sentam-se ao redor do fogo e, é a partir deste que Théodore passa a enxergar as personagens das obras de arte. Em seguida, ele redireciona sua atenção ao fogo ao dizer que este passou a apresentar “um estranho grau de atividade”¹⁰ (GAUTIER, 2007, p. 56), instantes antes dos principais eventos da noite.

Ainda nesse segundo quadro espacio-temporal, os horários da noite são relevantes, pois eles determinam os acontecimentos. Às onze horas, as personagens saem de suas molduras e tecidos; à meia-noite, elas passam a dançar; à uma hora da manhã, todos param de dançar; Angéla faz com que Théodore espere um certo instante indicado no relógio para então dançar com ele. Por fim, pouco antes do fim terrível de Angéla, Théodore descreve que “um brilho pálido banhou as cortinas”¹¹ (GAUTIER, 2007, p. 62). Pode-se inferir que esse brilho seja da lua, porém a forma cujo narrador autodiegético descreve-o dá-lhe um caráter quase onírico, talvez indicando o fim do “sonho”, dos eventos de aspecto sobrenatural.

Por fim, nas últimas cenas narradas, Théodore encontra-se na área comum da hospedaria, acompanhado do dono do alojamento, de Arrigo e Pedrino. O tempo nessa parte da história é dito novamente chuvoso, impedindo a saída dos amigos para conhecerem os arredores. A chuva nesse momento da narrativa estabelece-se enquanto um fator externo

¹⁰ Tradução livre. Originalmente: « un étrange degré d'activité ».

¹¹ Tradução livre. Originalmente: « une lueur pâle se joua sur les rideaux ».



representativo da tristeza e sofrimento interior de Théodore, pois ele passa a acreditar que nunca será feliz ao descobrir a morte de Angéla.

A partir da análise das configurações espacio-temporais de *La Cafetière*, é possível perceber de que forma as nuances desenvolvidas por Gautier, mesmo em segundo plano, contribuem para a ambientação de uma atmosfera na qual eventos extraordinários desencadeiam-se.

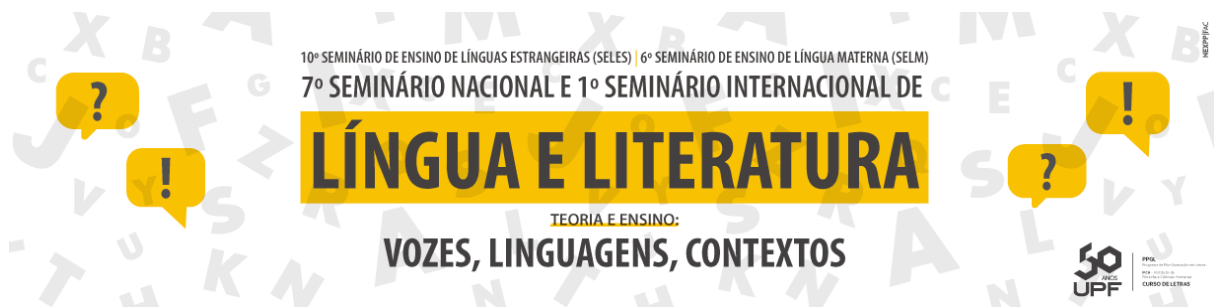
3.2 AS PERSONAGENS

Na história fantástica de Gautier, há duas personagens mais relevantes para o seu desenrolar e várias outras em papel secundário ou figurante, mas com sua própria importância na trama.

Théodore é o protagonista que também se encontra em posição de narrador. À sua volta, os eventos paranormais acontecem e, assim, ele se mostra muitas vezes aterrorizado e maravilhado simultaneamente. Em função de uma argumentação direcionadamente oposta ao fantástico, isto é, um discurso mais racional, pode-se caracterizar Théodore como uma personagem ingênua e crível por acreditar naquilo que se desencadeara ao seu redor. Entretanto, o protagonista não é linear em suas reações, Théodore oscila entre a dúvida, o medo e a crença na manifestação do improvável.

Angéla, por sua vez, é a bela moça que se torna o foco dos sentimentos apaixonados de Théodore. Por ser uma personagem que parece transitar no universo diegético enquanto fantasma/personagem sobrenatural ou fruto de devaneio/ilusão, ela se caracteriza de modo singular e curioso. Théodore descreve-a tal qual uma mulher de pele branca deslumbrante, cabelos loiro-acinzentados e de olhos azuis claros e transparentes (GAUTIER, 2007, p. 60). No decorrer da história, percebe-se que é Angéla que toma a decisão de dançar com Théodore, ela se mostra uma personagem feminina independente, pronta para arcar com as consequências de suas decisões.

Ao longo da narrativa, estabelece-se uma relação entre Angéla e a cafeteira: supõe-se que ambas são uma só, pois quando Théodore corre ao encontro de sua amada desmaiada, ele encontra apenas a cafeteira estilhaçada. Desse modo, além do amor do protagonista ser direcionado à mulher desejada, é sua forma objetificada (sobre a qual se discorrerá no



próximo tópico) que age de maneira a ser uma possível prova material dos eventos de possível natureza fantástica.

Na segunda e terceira esfera de personagens, temos os companheiros de viagem de Théodore, o dono da pousada e as figuras enigmáticas saídas dos quadros de arte e tapeçarias. Arrigo Cohic, Pedrino Borgnioli e o dono da estalagem (cujo nome não é conhecido): apesar de parecerem ter pouca importância no decorrer da narrativa, são três personagens-chave para caracterizar a história enquanto narrativa fantástica. Como abordado no tópico dedicado ao espaço, o fato de Théodore estar “sozinho” durante os acontecimentos de aspecto sobrenatural institui a constante dúvida da veracidade ou não dos eventos. As três personagens secundárias são argumentos contra os eventos, pois simbolizam a materialidade do mundo empírico: se tudo que Théodore narra realmente aconteceu, por que nenhuma outra personagem no alojamento ouviu a música tocada, ou as pessoas dançando?

Todavia, ressalta-se que o dono da hospedaria pode ser também usado na qualidade de uma prova a favor do caráter fantástico, considerando que ele estabelece o vínculo entre o universo diegético e o mundo insólito no final da narrativa. O dono da estalagem diz a Théodore que seu desenho da cafeteira remete-lhe fortemente ao perfil de sua irmã falecida há um ano, Angéla. A partir dessa declaração, Théodore passa a enxergar a plausibilidade dos eventos da noite anterior, pois Angéla realmente existira e ele verdadeiramente acredita estar apaixonado por ela. Dessa forma, tanto os amigos de Théodore, quanto o dono da pousada, mesmo se secundários, possuem um papel fundamental na dinâmica dúvida-certeza, isto é, na presença do sentimento de hesitação na narrativa.

Por fim, há o grupo de personagens em papel figurante, elas têm, porém, sua existência questionada no universo diegético da narrativa: são as figuras saídas de suas molduras, tapeçarias, que dançam e tocam instrumentos. Essas personagens são de suma importância na constituição do universo fantástico aparentemente aberto o quarto de Théodore, elas agem à semelhança de seres fantásticos, pois caracterizam aquele espaço como o palco de eventos de aspecto sobrenatural.

O narrador autodiegético descreve ricamente com adjetivos todas as figuras inusitadas e extravagantes provenientes das obras artísticas. São essas personagens componentes do cenário do quarto (já dito exuberante e excêntrico), contribuindo para uma cena cheia de figuras coloridas e dançantes, em um lugar onírico e luxuoso.



3.3 OS OBJETOS

Nesta seção, destacam-se dois objetos detentores de papéis centrais na narrativa: (1) a cafeteira (ou *la cafetière*) que dá o título ao conto de Théophile Gautier e está diretamente relacionada com a personagem Angéla; e, (2) o relógio, diretor das ações empreendidas pelas personagens figurantes.

Primeiramente, analisa-se a cafeteira, devido à sua relação com a moça desejada pelo protagonista. O foco da atenção e do carinho de Théodore é estabelecido diretamente a partir do vínculo existente entre Angéla e a *cafetière*, pois sendo as duas, na verdade, uma só, Théodore direciona-lhes seu olhar. Visto que ele é o narrador autodiegético e trata-se da narração de seus pensamentos e sentimentos, a cafeteira e Angéla são protagonistas nos eventos desenrolados. No entanto, enfatiza-se o papel da *cafetière* enquanto materialidade do fantástico na narrativa, isto é, a cafeteira é o único objeto, na história, que pode ser usado como prova de ocorrência dos eventos noturnos.

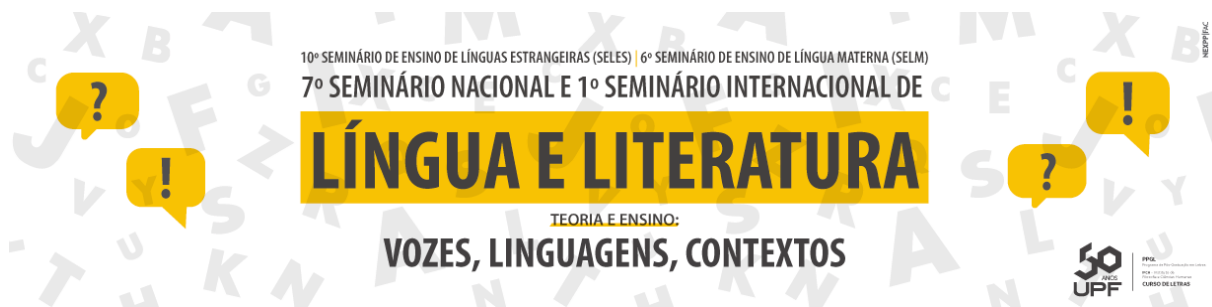
Após o desmaio de Angéla, Théodore encontra “a cafeteira quebrada em mil pedaços”¹² (GAUTIER, 2007, p. 62). Na manhã seguinte, ao ser acordado por seus amigos, o protagonista é visto por Arrigo da seguinte forma: “agarrando [em seus] braços um pedaço de porcelana quebrada, como se fosse uma jovem e bela moça”¹³ (GAUTIER, 2007, p. 62).

Logo, a cafeteira estabelece-se enquanto elo representativo da hesitação permeando os pensamentos do protagonista. Théodore deparou-se com a cafeteira quebrada após o desfalecimento de Angéla e, ao acordar, surpreende-se segurando um pedaço do objeto fragmentado. A partir de um ponto de vista que busca corroborar o caráter fantástico, pode-se afirmar que a cafeteira representa a materialidade de Angéla e, por conseguinte, os sentimentos apaixonados de Théodore, estando ela estilhaçada, está também perdida a felicidade dele.

Em segundo lugar, direciona-se a análise ao relógio do quarto da hospedaria ocupado pelo protagonista. A partir de um primeiro olhar, esse objeto talvez passe despercebido,

¹² Tradução livre. Originalmente: « la cafetière brisée en mille morceaux ».

¹³ Tradução livre. Originalmente: « serrant dans tes bras un morceau de porcelaine brisée, comme si c'eût été une jeune et jolie fille ».



porém, do mesmo modo que a *cafetière*, atribui sentido na construção de um cenário fantástico. Ao longo da narrativa, o relógio desempenha um papel importante ao dirigir muitas das ações exercidas pelas personagens figurantes. Primeiramente, às onze horas, o som emitido pelo pêndulo do relógio introduz os eventos insólitos: os móveis e a cafeteira movimentam-se e as personagens saem de suas molduras e obras de arte. Os figurantes sentam-se ao redor do fogo, porém, Théodore narra que “todos tinham os olhos fixos no relógio”¹⁴ (GAUTIER, 2007, p. 58), ou seja, o relógio é um elemento central para as ações das personagens.

À meia-noite, Théodore afirma que uma voz do mesmo timbre (do pêndulo) do relógio diz que as personagens deveriam dançar e os músicos deveriam tocar seus instrumentos (GAUTIER, 2007, p. 58), e eles o fazem. À uma hora, o relógio soa novamente, e todos param de dançar e, e quando Théodore decide dançar com Angéla, o relógio concede à moça a liberdade para tomar sua própria decisão, estando consciente das consequências.

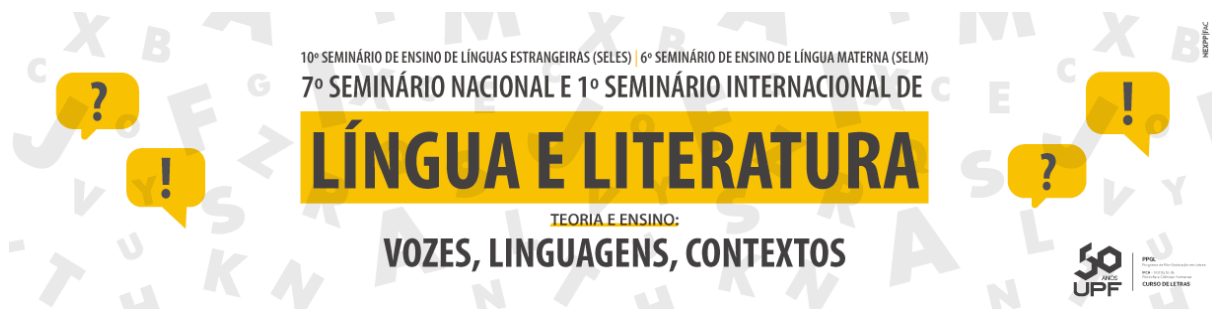
Estabelece-se que o relógio age como um mediador entre essas personagens saídas de obras de arte e o universo diegético por elas ocupados. O objeto dirige suas ações e media suas decisões, funções importantes, pois ele se estabelece presente no mundo de Théodore, porém, relaciona-se com pessoas insólitas. O relógio marca o elo existente entre os momentos aparentemente reais e os momentos de caráter sobrenaturais, paranormais, fantásticos.

Dessa maneira, conclui-se que a análise dos objetos, no nível diegético nas narrativas fantásticas, pode ser muito proveitosa, pois permite observar a importância de um item de possível irrelevância em um gênero constituído a partir de nuances e sutilezas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro tópico deste trabalho, direcionou-se o olhar à análise discursiva de *La Cafetière*, expondo-se o principal fator associado ao fantástico por Todorov, isto é, a hesitação, e a forma de sua expressão na narrativa. Além disso, discutiu-se sucintamente o foco narrativo e o narrador, perscrutando-se em que medida essas configurações afetam na ambientação insólita da história.

¹⁴ Tradução livre. Originalmente: « ils avaient tous les yeux fixés sur la pendule ».



Na segunda seção, passou-se ao âmbito diegético, examinando-se a estrutura espacio-temporal estabelecida por Gautier em seu conto e sua grande importância na imposição da dúvida, elemento-chave da atmosfera fantástica. Analisou-se também as personagens primárias, secundárias e figurantes, enquanto corroborantes ou resistentes ao cenário de caráter sobrenatural. Ainda na segunda seção, perpassou-se um olhar por dois objetos centrais da narrativa: a cafeteira e o relógio, e os seus papéis desempenhados em relação ao fantástico.

Por fim, através da observação do âmbito diegético e discursivo, em diálogo com a teoria introdutória de literatura fantástica de Todorov, estabeleceu-se as múltiplas maneiras a partir das quais o fantástico institui-se em *La Cafetière*. Esperou-se demonstrar as delicadezas de tal gênero ao longo da narrativa de Gautier, repleta de hesitação e fantasticidade.

REFERÊNCIAS

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista Usp**, São Paulo, n. 53, p.166-182, mar. 2002. Tradução de: Fábio Fonseca de Melo

GAUTIER, Théophile. **Récits fantastiques**. Paris: Flammarion, 2007.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo: ou A polêmica em torno da ilusão**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

TODOROV, Tzvetan. **Introduction à la littérature fantastique**. Paris: Seuil, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.